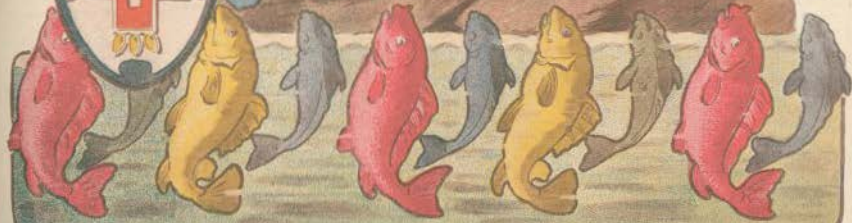
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
2ª SERIE
16 NUMERO
-DIRECTOR-C.-MALHEIRO-DIAS-

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

UMA GENEALOGIA INTERESSANTE

> Pertenço pelo berço a uma classe obscura e modesta: quero morrer onde nasci. (1)
>
> (*Alexandre Herculano*).

O terreno mais árido que palmilham os investigadores nos seus passeios atravez do passado, aquelle onde mais difficuldades se lhes deparam e d'onde maiores desillusões lhes proveem, é decerto a genealogia. Quantas vezes, gastas longas horas a percorrel-o, sem achar veio de agua onde matemos a sêde de noticias que nos consome, nos invade o desanimo e o desespero! Quantas vezes o *simoum* da inventiva dos linhagistas nos desnorteia e nos suffoca! É imprescindivel, porém, ter de atravessar esse terreno, porque não ha melhor documento, nem melhor auxiliar, para uma reconstituição do passado. Da historia das familias transparece a historia da sociedade em que viveram e, consequentemente, a historia do paiz que essa sociedade determinou com os seus preconceitos, os seus habitos e a sua maneira de ser.

É por isso que, os que passeiam os olhos por esses documentos polvilhados da chamada inutil poeira dos seculos, sentem um verdadeiro prazer, uma intima satisfação quando, ao cabo de longas e improficuas caminhadas, topam com alguma noticia, preciosa como elemento historico; satisfação essa comparavel á do beduino errante que, depois de largos dias de caminhar no deserto, descobre ao longe, n'um deslumbramento de promessas, a mancha escura de um *oasis* onde uma sombra amiga o protegerá do sol e uma nascente de agua lhe humedecerá os labios sequiosos.

Foi em uma d'essas divagações de tourista, amador de velharias, pelas palreiras inquirições do Santo Officio que se me depararam, casualmente, os interessantes dados genealogicos que offereço á curiosidade do leitor. Desejaria dar sobre o assumpto uma noticia completa, mas infelizmente nem sempre se encontram facilidades, e quem alguma vez lidou com trabalhos d'este genero, sabe bem quantos gestos de enfado, quantas respostas desagradaveis se recebem, por cada pergunta curiosa que se faz, no exercicio d'este arduo mister de maçador do proximo. O que achei foi isto:

Pedro Francisco foi homem pobre que viveu nos primeiros annos do seculo XVII, na freguezia de S. Vicente de Alcabideche, termo da villa de Cascaes, casado com Vicencia Roiz, sua patricia. D'estes foi filho Antonio Francisco, baptisado n'aquella freguezia em 4 de novembro de 1629, e que veiu casar a Caparide, onde exerceu o officio de sapateiro, com Maria Luiz, filha de Pedro Jorge e de Maria Luiz, pequenos lavradores d'aquelle logar. D'este casamento vieram ao mundo dois filhos: um rapaz de nome Manuel Francisco, que foi pae de Francisca Maria, casada com o familiar do Santo Officio José da Silva de Azevedo, ourives de ouro, estabelecido na rua de S. Julião (1) e uma rapariga que se chamou Maria Luiz, como sua mãe e sua avó.

Foi esta Maria Luiz que casou nas Mercês com João Francisco, ali nascido, baptisado e morador. Talvez pela sua desmedida estatura, chamavam a este João Francisco o *Longo* de alcunha; circumstancia esta que grangeou a mesma designação popular a Domingos de Serpa Azevedo, official de uma das secretarias de Estado e excentrico burocrata que, aqui ha 60 annos, era assiduo frequentador de S. Carlos e conviva obrigatorio nos jantares dos politicos em voga (2). Fôsse porque fôsse, o facto é que a alcunha se propalou, adquiriu celebridade e ficou cimentada ao local onde morava João Francisco ao alto da rua Formosa.

Seria João Francisco um excentrico tambem? Ignoro-o.

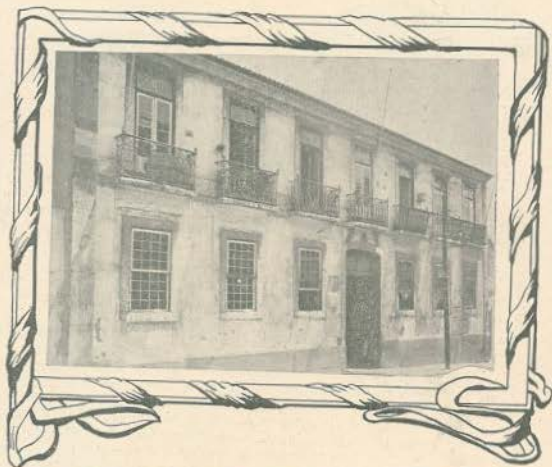
O Alto do Longo, esse pesadello dos municipios, lá está ainda hoje, perpetuando ignoradamente, ha perto de 300 annos, a memoria d'este João Francisco que foi quarto avô materno de Alexandre Herculano. Continuemos.

Maria Luiz deu a seu marido uma filha

Alexandre Herculano
Busto de Calmels, mandado executar pelo sr. duque de Palmella

(1) Carta publicada no *Jornal do Commercio* de 9 de dezembro de 1862, em que Herculano rejeitava umas honrarias quaesquer que lhe foram offerecidas, e que me foi indicada pelo ex.mo sr. João Maria Galhardo, dignissimo capitão de mar e guerra e lente da Escola Naval.

(1) Processo de habilitação para o Santo Officio—maço 41, documento 660—Torre do Tombo.

(2) *Os excentricos do meu tempo*, por Luiz Augusto Palmeirim, paginas...

Casa n.º 158 da rua de S. Bento, edificada em 1830 sobre as ruinas de parte da casa natalicia de Alexandre Herculano

que foi baptisada nas Mercês em 31 de maio de 1670, com os nomes de Joanna do Espirito Santo e que veiu a casar na mesma igreja e freguezia, em 27 de dezembro de 1698, com João Rodrigues, natural de Runa, termo de Torres Vedras, filho de Martinho Annes, natural de S. Miguel do Pinheiro, na comarca de Mertola, e de sua mulher Luiza Rodrigues, que nascera no logar de Monte de Rei, perto de Runa. Tiveram dois filhos, a saber: Maria Quiteria, baptisada na Encarnação em 10 de setembro de 1713, e casada nas Mercês, em 7 de fevereiro de 1741, com Antonio Rodrigues Gil, personagem de que logo falaremos, filho que era de Manuel Alves e de Esperança Rodrigues Gil, naturaes de Lisboa; e Caetano Thomás.

Este Caetano Thomás, filho primeiro de João Rodrigues e de Joanna do Espirito Santo, recebeu as aguas do baptismo na igreja das Mercês em 20 de janeiro de 1700, em cuja freguezia moravam seus paes.

Aprendeu o officio de pedreiro em que foi perito e estudando e aperfeiçoando-se, foi para Mafra, trabalhar, como tantos outros, nas obras do convento. Ahi frequentou a escola de architectura, de onde sairam bons architectos, e fel-o com aproveitamento, apaixonando-se pela arte a que se dedicára, o que entretanto o não impediu de se apaixonar por Maria Rosa, natural de Bucellas, com quem casou na parochial de Santo André, da villa de Mafra, em 22 de setembro de 1726.

Era ella filha de João de Sousa e de Marianna de Faria, lavradores em Bucellas, gente limpa e honrada. Chamavam-se seus avós paternos Francisco Nunes e Maria de Sousa, lavradores que foram em Alverca, e os maternos Bartholomeu de Faria e Isabel Soares, naturaes da freguezia de Nossa Senhora da Purificação de Bucellas, onde, em 26 de abril de 1708, fôra baptisada a noiva do moço architecto.

Depois de acabadas as obras do mosteiro, ainda demorou Caetano Thomás a sua vinda para Lisboa. Só depois de 1732 é que parece ter saido definitivamente de Mafra, pois ainda n'esse anno ali baptisou um filho, que foi, por signal, o architecto Manuel Caetano de Sousa, de que em breve tratarei mais de espaço.

Da sua estada n'aquella villa, um facto sei, bem comprovativo da sua altivez de caracter e da independencia das suas opiniões. Indo ali D. João V, e falando a Caetano Thomás, a quem naturalmente indicaram como um dos mais intelligentes frequentadores da Escola de Architectura, este aproveitou a occasião para, desassombradamente, mostrar ao

O Alto do Longo, onde morou João Francisco, *O Longo*, de alcunha, e 4.º avó materno de Alexandre Herculano

Alexandre Herculano e o seu grande amigo Vicente Ferrer — Alexandre Herculano aos 59 annos — O general Joaquim Rodrigues Galhardo, companheiro de exilio de Alexandre Herculano, e sua filha.

rei o seu descontentamento por se ver alli constrangido a trabalhar contra vontade, dizendo-lhe mais que os artistas não se arrebanhavam assim, nem se obrigavam como facinoras a trabalhos forçados. Diz a tradição que o rei ouviu e passou. Quem contava isto era uma bisneta de Caetano Thomás. (1)

Teve elle de sua mulher tres filhos: dois nascidos em Mafra, Caetana Rosa e Manuel Caetano; o terceiro em Lisboa. Foi Genoveva Alexandrina.

Caetana Rosa, baptisada em Santo André de Mafra em 14 de janeiro de 1731, casou em Lisboa, nas Mercês, em 24 de julho de 1751, com Antonio Rodrigues Gil, já viuvo de sua tia paterna Maria Quiteria. Manuel Caetano de Sousa, o architecto, nasceu tambem em Mafra, onde foi baptisado em 18 de fevereiro de 1742. Ensinou-lhe seu pae os primeiros rudimentos de architectura, seguiu os estudos e veiu com o andar dos tempos a succeder a Matheus Vicente no logar de architecto do Infantado e a Reynaldo no de architecto das obras publicas. Foi, além d'isto tudo, familiar do Santo Officio, cavalleiro do habito de Aviz e coronel ou sargento-mór de infantaria, em serviço no Real Corpo de Engenheiros.

Embora Manuel Caetano, como architecto, não primasse pela originalidade, nem pelo estylo, foi, no seu tempo, um dos mais fecundos e procurados artistas. Jacome Raton chama-lhe simples pedreiro com algumas luzes de architectura. As suas obras, effectivamente, teem pouco arrojo de concepção e resentem-se, sobretudo, do gosto alambicado e rocócó da epoca. São d'isto sobejas provas a capella da Bemposta, a torre da capella da Ajuda e a egreja da Encarnação que elle edificou e onde se notam, principalmente n'esta ultima, grande profusão de ornatos escusados que não conseguem supprir a falta de

(1) Obsequiosa informação do ex.mo sr. João Maria Galhardo.

elegancia, de gosto e de grandeza. O seu palacio situado no local das obras do conde de Tarouca, que depois foi demolido para se construir o Erario Régio, era, se nos fiarmos na opinião de Raton, um aleijão architectonico. O curioso e minucioso auctor das memorias compara-o ao palacio do tendeiro da Esperança, outra monstruosidade, que o rico negociante edificára, perto da Praça das Flores, e que era, afinal, um predio chatissimo e banal, esmagado sob um alto minarete, torreão ou castello, que lhe grangeou depois o pittoresco nome de torre da Asneira.

Entrada da quinta de Valle de Lobos, ta como era, quando morreu Herculano

Demolida aquella sua obra, indemnisado pela expropriação e creio até que beneficiado, começou Manuel Caetano a edificar, em uns terrenos que o governo lhe cedêra, fronteiro á Real Fabrica das Sedas, outro palacio em que o architecto foi menos feliz. O segundo palacio levou as lampas ao primeiro em mau gosto e desgraciosidade, e hoje mesmo, apezar das louvaveis diligencias dos duques de Palmella, seus proprietarios actuaes, em alindal-o e retocal-o, no que nem sempre teem sido felizes, continúa a ser um grande casarão incaracteristico com várias excrecencias esculpturaes e enxertos architectonicos de variados estylos.

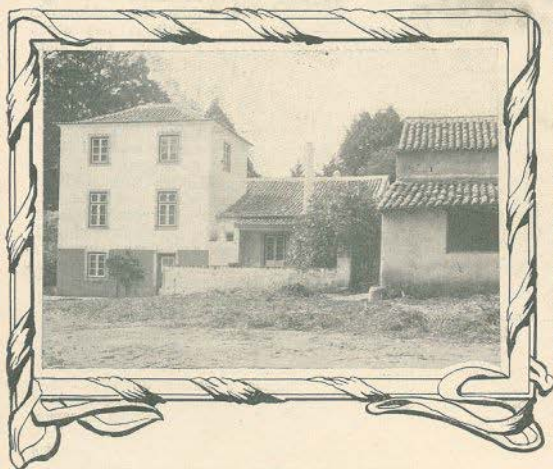
Ahi habitava, nas sobrelojas, em 1802, Manuel Caetano de Sousa. Dil-o um almanach da época.

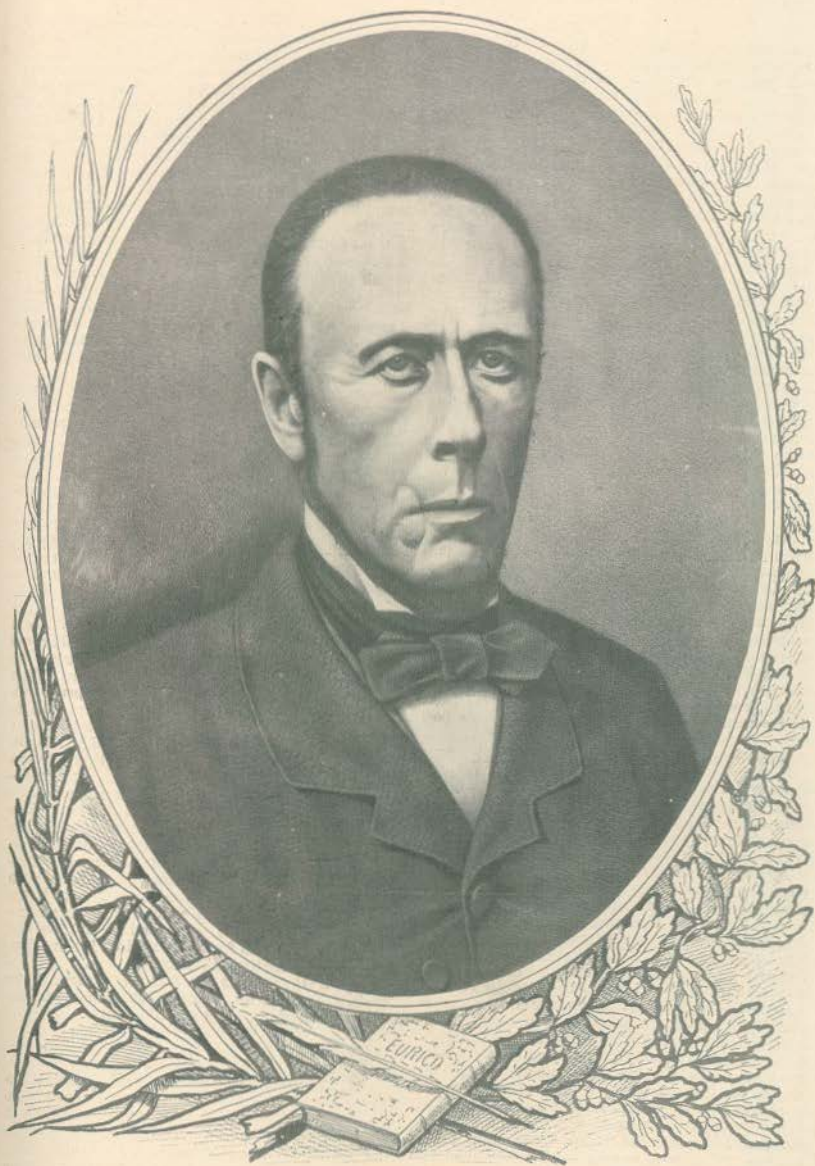
Falleceu o architecto em 1802, no proprio paço, de uma congestão cerebral, por ter ouvido da bocca de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, em presença do principe regente, umas palavras desagradaveis com referencia ás alterações, por elle feitas, no risco do palacio da Ajuda. Volkmar Machado, á falta de uma, cita outra data da sua morte, em 1814, depois de ter padecido horrivelmente da gotta, e dá-lhe, ao acaso, 64 annos da primeira vez e 60 da segunda. Nem uma nem outra idade podia ter n'essas épocas. Em 1802 devia ter 60 annos e em 1814, 72, porque nascera em 1742, como consta da sua certidão de idade, appensa ao processo de habilitação para o Santo Officio. (1)

Casou Manuel Caetano com uma sua prima direita, D. Marianna Joaquina Angelica de Sousa, filha de seu tio materno João de Sousa e de sua mulher D. Sebastiana Thereza de Assumpção, que era natural de Collares. Teve d'esse casamento dois filhos, que eu saiba, um de que ignoro o destino e outro que foi Francisco Antonio de Sousa.

Este succedeu a seu pae em alguns tres logares que este exercia e foi architecto, tambem, como seu pae e seu avô. A architectura era atavica n'esta familia! Foi tambem Francisco Antonio de Sousa cavalleiro da ordem de Christo e coronel de engenheiros. Em 1817, foi preso como conspirador e degredado para Angola, de onde depois voltou, reclamando então que lhe fosse entregue o seu palacio do Rato, confiscado com todos os seus bens n'essa occasião. Foi bradar no deserto. Não lh'o deram.

◎

D. Genoveva dos Anjos Alexandrina, ultima filha de Caetano Thomás, baptisou-se em Lisboa na

A casa de Valle de Lobos, propriedade de Alexandre Herculano

(1) Processo de habilitação para o Santo Officio—maço 188, documento 1:997—Torre do Tombo.

Alexandre Herculano

igreja das Mercês em 11 de abril de 1746. Moravam então seus paes na travessa da Estrella, em casa propria; e não era só essa a que tinham. Caetano Thomás conseguira, no exercicio do seu mister de architecto, angariar bastantes cabedaes.

Casou Genoveva dos Anjos com o capitão Jorge Rodrigues de Carvalho, já viuvo de Maria de Jesus Coelho, o qual Jorge Rodrigues era natural de Lisboa, onde occupava o cargo de mestre das Reaes Obras, conforme diz o padre João Baptista de Castro. A sua habilitação para o Santo Officio, de que tambem foi familiar, chama-lhe mestre pedreiro unicamente. Era elle filho de Francisco Rodrigues de Carvalho, tambem mestre pedreiro, natural da freguezia de Fraião de Baixo, termo de Valença do Minho, e de sua mulher Maria dos Remedios da Costa, natural de Lisboa. Chamavam-se seus avós paternos João Gonçalves de Carvalho e Catharina Rodrigues, lavradores em Valença, e os maternos Manuel da Costa, barbeiro na Ribeira, e que depois foi homem do azul da irmandade da Misericordia de Lisboa, e Catharina da Cunha, sua mulher, filha esta de Manuel Curado e de Maria da Cunha e aquelle de Francisco da Costa e de Luiza Maria, todos naturaes de Lisboa.

Jorge Rodrigues morava, ao tempo do seu casamento, ao Pombal da Cotovia. Foi elle que n'esse sitio construiu uma barraca de madeira armada em capella com a invocação de Santo Antonio, onde esteve, por signal, algum tempo, a parochia da Encarnação, cuja egreja o terremoto destruira. (1)

Foi em fevereiro de 1756 que a ermida se edificou. Hoje nenhum vestigio existe d'ella, a não ser o nome da rua á beira da qual foi construida. É a actual rua Nova de Santo Antonio.

A casa de moradia de Jorge Rodrigues, não sei onde ficasse ao certo, mas conjecturo que fosse, pouco mais ou menos, entre as actuaes ruas do Arco e da Imprensa Nacional, porque uma pertença da propriedade foi expropriada pela Direcção das Aguas Livres, em 1805, afim de se construir o chafariz da rua do Arco, sendo a Genoveva Alexandrina, já então viuva, concedidos em 1807, os sobejos do chafariz (2). Afóra a ermida, obra architectonica de pouca monta, deixou o mestre Jorge Rodrigues outras de seu engenho e sciencia.

A egreja da Memoria, em Belem, e as escadas do paço de S. Vicente lembram-me agora, das muitas em que entrou o seu genio emprehendedor e as suas excepcionaes faculdades de trabalho. Jorge Rodrigues ignorava o que fosse a ociosidade, trabalhava sempre, nunca descançava. Ficou tambem proverbial na familia a sua altivez e a sua inteireza de caracter. O facto que se segue e que Herculano contava dá bem a idéa da feição moral de Jorge Rodrigues.

(1) *Mappa de Portugal*, de João Baptista de Castro—volume III, paginas 167.
(2) *Memoria sobre chafarizes*, de Velloso de Andrade.

Alexandre Herculano

Andava elle occupado com a construcção de um predio para sua moradia, no alto da Ajuda ao tempo da conspiração contra a vida de el-rei D. José, e ia já a obra adiantada quando o patibulo foi mandado armar para a execução, mesmo defronte da sua casa. Choveram então os pedidos de janellas, moveram-se empenhos para as obter, propuzeram-lhe alugueis vantajosissimos, offereceram-lhe sommas consideraveis. Jorge Rodrigues recusou as propostas, escusou-se dos pedidos, e no dia da carnificina, quando todos corriam presurosos a vêr a execução, quando todas as janellas se abriam regorgitando de espectadores, o capitão mandou parar o trabalho dos operarios, retirou-se para Lisboa e apresentou á côrte e ao povo de Lisboa, pasmado do arrojo, as suas janellas despovoadas e fechadas, como protesto solemne contra similhante iniquidade (1). Era de boa tempera o mestre das Obras Reaes!

Teve elle de sua mulher dois filhos; um rapaz, Caetano Jorge Rodrigues, official do exercito, que fez toda a campanha peninsular e foi um dos conspiradores de 1820, e uma rapariga, Maria do Carmo São Boaventura.

Esta nasceu na freguezia da Ajuda, na tal casa em frente do patibulo dos Tavoras, e veiu casar na de S. Mamede, em 1 de setembro de 1802, com Theodoro Candido de Araujo, natural de Lisboa, fiel da antiga Junta dos Juros e morador na freguezia de S. José d'esta cidade. Era Theodoro Candido filho legitimo de José Simões de Araujo, negociante de trigos, e de D. Anna Thomasia de Castro, já fallecidos ao tempo do casamento do filho. Foram testemunhas do acto religioso Lourenço da Paz Furtado e o padre Francisco Gregorio Barreto, o que tudo consta da certidão de casamento, em meu poder e que destroe a affirmação de Pinho Leal que, no seu conhecido diccionario, faz Genoveva dos Anjos filha de Antonio Rodrigues Gil, fundado talvez no facto de ella ter sido sua herdeira, como effectivamente foi.

É já a terceira vez que falo n'esta personagem curiosa e digna de maior menção; abro por isso um parenthesis especial em sua honra.

◉

Antonio Rodrigues Gil, mestre carpinteiro, morador na rua de S. Bento, era um cidadão bemquisto de Lisboa, que viveu na segunda metade do seculo XVIII.

Se hoje vivesse chamar-se-hia mestre de obras; no seu tempo, porém, elle limitava-se a intitular-se mestre carpinteiro, juntando apenas a esse ti-

(1) Informações amabilissimas do ex.mo sr. João Maria Galhardo.

tulo, como documento comprovativo de suas aptidões e engenho, o certificado de o ter sido, alguns annos, nos extinctos theatros da rua dos Condes e do Salitre. Carpintejava elle n'esses palcos, quando Pina Manique, allegando ser coisa attentatoria da religião e da moral, prohibiu que as mulheres representassem e se exhibissem em scena. Ignoro se, por pirraça á Intendencia ou se na idéa de angariar alguns lucros, mestre Gil mandou vir da Allemanha uns modelos de fantoches, fabricou-os na sua casa e apresentou aos alfacinhas, privados de actrizes pelo façanhudo Intendente, bailarinas e cantarinas de pau. Se Pina Manique se exasperou, não sei; o facto é que os bonecos se arrecadaram n'uns desvãos da sua casa, onde mais tarde os foram encontrar os netos de Genoveva Alexandrina. Imagine-se o alegrão de Alexandre Herculano e de seus irmãos com similhante achado (1).

Continuemos. A's occupações do seu officio juntava ainda mestre Gil o encargo da administração da casa de D. Fernando Soares de Noronha, o qual foi o ultimo possuidor de um opulento morgadio, cuja cabeça era a quinta da Cotovia, extensissima propriedade que, descaindo da rua da Escola para a de S. Bento, occupava todo o terreno comprehendido entre a rua da Imprensa e o Rato. Em uns chãos d'essa quinta, que naturalmente D. Fernando lhe aforára, edificou elle em 1756 umas barracas feitas com pannos e taboas velhas, onde se recolheu com sua familia depois do terremoto que, é de provêr, lhe arrazara a casa onde habitava no Pombal da Cotovia, muito perto d'aquelle local (2).

Apesar do pouco commodo que deviam ter essas barracas, ahi se installou, por cedencia do seu proprietario, e á falta de melhor, até o S. João d'esse anno, a Santa Casa da Misericordia, de que Anto-

(1) Informações amabilissimas do ex.mo sr. João Maria Galhardo.

(2) Processo de habilitação para o Santo Officio — maço 1:203, documento 2:090 — Torre do Tombo.

Alexandre Herculano

Alexandre Herculano em Valle de Lobos

nio Rodrigues Gil era irmão e bemfeitor (1) e seria talvez depois de saidos os hospedes que elle entrou de pensar em construir ali uns predios para moradia propria e para aluguel, como effectivamente construiu.

Era este o grande desejo, o continuo pensamento de mestre Gil. Edificar, edificar muito. Era o seu maior contentamento e a sua constante occupação; tanto assim que chegou a ter, com seu cunhado Jorge Rodrigues, uma empreza ou companhia edificadora de que, por signal, lhe resultaram bastantes prejuizos. Estes, aggravados com as liberalidades de um filho que tivera do primeiro matrimonio, chamado Caetano, iam arruinando o carpinteiro, que afinal foi salvo por Jorge Rodrigues, seu intimo amigo, que tinha um grande credito em Lisboa e que lhe saldou os compromissos á sombra do seu nome honrado e respeitado.

Os predios que Antonio Rodrigues Gil edificou no local das antigas barracas estavam concluidos em 1758. Não sei que disposição tivessem. As cartas topographicas do seculo XVIII despresam completamente essas minucias. Seria a entrada para o pateo, que havia ao centro das edificações, como é actualmente? Haveria acaso um corredor entre dois predios contiguos, que servisse os seus moradores? Nada sei ao certo, mas o que me parece mais provavel é esta ultima supposição.

Juntamente edificou tambem o Gil, como bom catholico endinheirado, uma ermida pegada ás casas, a que deu a invocação de Santo Antonio, talvez em agradecimento ao Santo, de o ter bem casado duas vezes.

Foi esta ermida e esta casa, com o seu pateo de barracas e o seu quintalão com serventia para a travessa do Pombal, que Antonio Rodrigues Gil deixou em testamento á sua cunhada Genoveva Alexandrina, viuva do seu amigo e companheiro de trabalho Jorge Rodrigues.

Fechemos o parenthesis.

◎

D. Genoveva Alexandrina ahi morava em 1802,

(1) Livro das juntas grandes da Misericordia de Lisboa, do livro de Victor Ribeiro, intitulado: *A Misericordia de Lisboa*.

sendo já mencionada, como proprietaria do predio, no livro das matrizes d'esse anno (1).

O predio, que tinha os numeros de policia 270 e 275, era de um só andar, com janellas de peitos, e devia ter, attendendo á numeração, cinco portas.

A ermida não sei onde ficava. Por mais que investigasse no actual pateo do Gil não consegui achar vestigios d'ella. Calculo que fosse pegada ás casas e com porta para a rua, visto que tinha missa diaria, muito frequentada pelos moradores do sitio.

O tumulo de Alexandre Herculano nos Jeronymos

Por morte de Genoveva Alexandrina, coube a casa a sua filha Maria do Carmo, que para ali foi habitar, depois do seu casamento. Theodoro Candido de Araujo, naturalmente porque a ermida lhe désse despeza, mandou suspender a missa. Ficou o povo gravemente offendido com a suspensão dos officios divinos e como o fiel da Junta dos Juros cegasse pouco depois, propalou que a cegueira fôra castigo de Deus. E fossem lá convencel-os do contrario!

Foi n'essa casa que, oito annos depois do casamento de seus paes, nasceu, d'esta linhagem humilde e laboriosa de pedreiros, mestres de obras e architectos, uma creança do sexo masculino, que depois se chamou Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo.

Os poucos biographos de Herculano dizem todos que elle nascera a 28 de março de 1810, e tal data tem sido, centenas de vezes, acceita e escripta. Não é verdade. Herculano nasceu a 28 de abril e não a 28 de março e foi baptisado, dois dias depois, na tal ermida de Santo Antonio pelo coadjutor de Santa Isabel José Gonçalves Ferreira. O documento de que me sirvo para affirmar isto é a sua certidão de idade.

Eil-a:

«Certifico que vendo os livros dos baptismos n.º 15 a folhas 172-v., encontrei o assento seguinte: Em 30 de abril de 1810, baptisou solemnemente o rev. coadjutor José Gonçalves Ferreira a Alexandre, filho de Theodoro Candido de Araujo e de Maria do Carmo São Boaventura, na ermida das casas da sua residencia na rua de S. Bento, por despacho de sua eminencia e nasceu em 28 d'este mez. Foram padrinhos Luiz Herculano de Carvalho e D. Maria Antonia de Ornellas, tocou seu marido Caetano Jorge Rodrigues e foram os paes do baptisado recebidos em S. Mamede. O coadjutor José Gonçalves Ferreira. Está conforme. Santa Isabel, 23 de fevereiro de 1906. O coadjutor padre Heitor Olympio Dias Antunes.»

Luiz Herculano de Carvalho, de quem Alexandre tirou o sobrenome, era boticario no largo do Rato. D. Maria Antonia de Ornellas, a madrinha, era sua tia, por affinidade.

Mal diria o coadjutor de Santa Isabel quando, na pequena ermida, lia aos padrinhos este assento de baptismo, que acabára de tornar christão o philosopho pensador da *Historia de Portugal*, o precioso romancista do *Bobo* e do *Eurico* e o architecto genial d'esse conto extraordinario que se chama a *Abobada!*

◉

A casa em que Herculano nasceu foi vendida por seu pae em 1826, que então foi morar para a travessa do Pombal, n.os 22 e 23, predio que tambem lhe pertencia. Comprou-o a viuva Marques e Costa, que lhe fez grandes obras. Duraram estas desde esse anno até o de 1830. Em 1831 já se achava de pé o predio que hoje lá vemos e que tem o numero 458 (2).

Pertence actualmente ao ex.mo sr. Antonio José Gomes Netto, por execução movida por este senhor a Jacintho Aprigio Marques, commerciante que foi da praça de Lisboa, cujos herdeiros litigam agora a posse da propriedade (1).

Da casa primitiva resta apenas de pé, e pode ser que fôsse ahi que Herculano nascesse, uma fachada de tres janellas de peitos, a que corresponde o numero 456. E'interiormente um grande barracão com vestigios evidentes da demolição de 1827.

N'este anno de 1906 é occupado por uma taberna. Onde ha 96 annos veiu ao mundo esse espirito scintillante que se chamou Alexandre Herculano, vende-se hoje peixe frito e outros petiscos, sem falar no apreciado sumo da uva, que um grande lettreiro pintado na parede diz ser proveniente da ribeira de Torres Novas.

É que as casas, como os homens, tambem teem o seu destino!

Março de 1906. C. DE MATOS SEQUEIRA.

(1 e 2) Informações colhidas nos Livros de Lançamento e Arruamento da Superintendencia da decima, existentes no archivo do Tribunal de Contas, cuja consulta me foi gentilmente facultada pelo ex.mo sr. Paulo de Azevedo Chaves, chefe de uma das repartições d'aquelle tribunal, e auxiliada pelo archivista do mesmo tribunal, o ex.mo sr. Antonio Victor Lopes Junior.

(1) Informações do ex.mo sr. Antonio José Gomes Netto, a cuja amabilidade me confesso summamente grato.

Pateo do Gil

Os Claustros da Sé de Lisboa.

Ao mesmo tempo a picareta está pondo a descoberto duas preciosidades da arte antiga portugueza, que mãos barbaras taparam a pedra e cal!... Referimo-nos aos claustros da sé velha de Coimbra e aos da sé de Lisboa. Para os entendidos da historia da nossa architectura essas duas descobertas constituem dois factos importantes d'ella, sobre que veem derramar alguma luz. Merecem toda a attenção dos criticos. Trata-se de duas epocas envolvidas em profundas trevas. São escassissimos os documentos que ficaram dos principios da nacionalidade portugueza. E uma historia tão escura, como a dos antigos povos do Oriente!.. E assim como esta se está reconstituindo, pouco a pouco, com as recentes descobertas archeologicas, assim se irá reconstituindo paulatinamente a historia dos começos da nossa nacionalidade.

Para se formar juizo seguro dos claustros da sé de Lisboa, que se estão desentulhando e restaurando, é preciso conhecer o movimento artistico que os precedeu. Ignora-se completamente a historia da architectura portugueza nos principios da reconquista. Urge supprir essa falta. É o que vamos fazer em breves traços.

O primeiro cyclo litterario e artistico, depois de que parte do antigo territorio lusitano foi tomada aos moiros e arabes, deve-se ao illustre conde D. Sisnando, o verdadeiro iniciador da nacionalidade portugueza. Foi elle, ou o introductor, ou o impulsor do romaico em Portugal. D'elle nos occuparemos em artigo especial.

Esse grande vulto da historia patria abriu no seu paiz um periodo artistico brilhantissimo, como provaremos em outro numero d'esta *Illustração*. O governo d'elle não podia ser mais intelligente, sabio e patriotico. Revelou-se um estadista de alta envergadura, protector das sciencias, das lettras e das bellas artes. Ao mesmo tempo deu grande impulso á agricultura.

A capella de Bartholomeu Joannes (aspecto exterior depois da restauração do sr. conselheiro Fuschini)

O conde D. Henrique e seu filho não fizeram mais do que seguir os passos d'esse grande homem, a quem se deveu a tomada de Coimbra, sua terra natal.

No principio do seu governo o conde D. Henrique construiu no genero da escola coimbrã, como prova a egreja de Villar de Frades; mas, depois que regressou de Jerusalem, introduziu em Portugal o gothico, que jámais foi abandonado até á Renascença, ou até á architectura manuelina.

Em nosso conceito a primeira construcção gothica do conde D. Henrique foi a egreja de S. Miguel do Castello de Guimarães, onde foi baptisado Affonso Henriques, nascido em 1109.

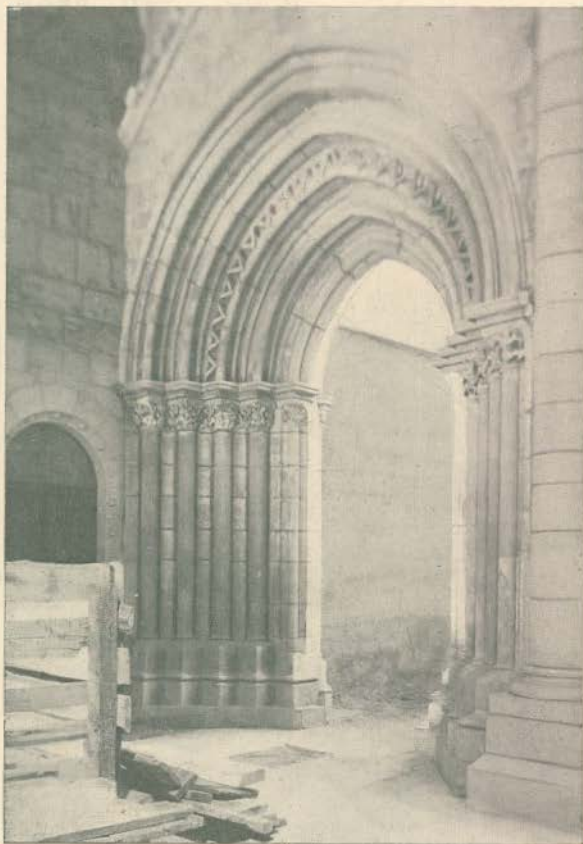
Portugal precedeu assim a França na introducção d'essa

escola architectonica. Talvez por ser mesmo a primeira nação europea que, depois das Cruzadas, entrou n'esse caminho. D'ahi por diante todas as construcções do conde D. Henrique pertencem ao gothico de transição. Taes são a sé do Porto, a de Lamego, a egreja de Cedofeita do Porto, a de S. Pedro de Rates, a de Santa Maria de Almacave de Lamego e todas as primeiras construcções de Guimarães.

Por toda a parte na Europa o gothico foi devido á influencia das Cruzadas. Estas entraram no periodo da sua maior actividade no reinado de Affonso Henriques. Seria absurdo suppôr que o fundador da monarchia portugueza abandonasse a corrente artistica iniciada pelo pae e que então invadiu toda a Europa. O enthusiasmo pelas Cruzadas deveria ter augmentado o enthusiasmo pela architectura ogival, ou gothica. Além d'isso, a ordem dos Templarios foi muito protegida por Affonso Henriques, e todos sabem que as construcções d'ella são e foram em gothico. O castello e convento de Thomar, S. João Alporão e todas as construcções de Gualdim Paes pertencem ao gothico de transição. Todas as edificações de Affonso Henriques arruinaram-se com o tempo e os terremotos, como Alcobaça, S. Vicente de Fóra e Santa Cruz de Coimbra. Mas não póde restar duvida que foram construidas no genero de architectura vigente, não só no paiz, como em toda a Europa. Ahi está a sumptuosa egreja de Alcobaça para o attestar.

Em gothico são as construcções de D. Sancho I, de Affonso II, de D. Sancho II, etc., etc. N'essas tendencias artisticas se seguiu em Portugal até D. João II, sem interrupção.

O nosso paiz acompanhou todas as phases da architectura ogival. É isto o que se ignora entre nós.

Quando em Portugal se abandonou o gothico de transição e se entrou no gothico primario, ou verdadeiro gothico? Eis um ponto escuro, por haverem desapparecido todas as construcções de D. Affonso III, D. Diniz e Affonso IV, ou do seculo XIII e principio do XIV, em que na Europa se realisou aquella importante phase da ogiva.

Porta da capella de S. Bartholomeu Joannes

Os terremotos, os incendios, as cheias do Mondego e o tradicional vandalismo d'este povo, deixaram essa grande lacuna na historia da nossa architectura. Só o estudo da historia geral nos poderá guiar.

No seculo XIII reinou em Portugal o culto Af-

fonso III, que recebeu a sua educação no estrangeiro e d'elle nos trouxe beneficas e civilisadoras influencias já nas sciencias, já nas lettras e já, finalmente, nas bellas artes.

Esse seculo corresponde ao periodo mais florescente do gothico. N'elle foram construidas as grandiosas cathedraes de Reims, de Amiens, de Rouen, de Paris, de Strasburgo, de Colonia, de Salysburg, de Burgos e de Florença.

N'essas condições, não é crivel que Affonso III, principe instruido e amante da poesia e das bellas artes, não fizesse participar Portugal do grande progresso effectuado na architectura ogival. Infelizmente desappareceram os conventos de S. Domingos de Lisboa, o de Santa Clara de Santarem e outros.

Actualmente nada existe d'essas construcções de Affonso III, as quaes nos poderiam indicar em que estylo se effectuaram. Igual sorte tiveram, como dissemos, as edificações de D. Diniz. Mas restam as capellas affonsinas e os claustros da Sé de Lisboa, que dão alguma luz acêrca das construcções portuguezas do seculo XIII e principios do seculo XIV.

Comparando-se esses dois corpos do edificio, reconhece-se immediatamente que não pertencem á mesma epoca. Os claustros são evidentemente mais antigos. As capellas affonsinas revelam um novo avanço da ogiva, e pertencem ao periodo em que esta assentou em suas bases proprias. Mas aquelles primeiros já estão desligados do romaico e das tradições antigas no systema de construcção. As abobadas são gothicas puras e em arco equilateral, ainda que as suas proporções não sejam talvez rigorosamente exactas. Não admira. Em nossa opinião o gothico primario é no principio ainda hesitante, irregular e falto de proporções. Só depois é que attingiu a sua maxima perfeição e se accentuou claramente.

Por isso dividimos esse gothico em dois periodos, que estão bem marcados nos claustros em questão e nas referidas capellas. Aquelles primeiros teem apenas os dois artesões cruzando-se nas abobadas, e compostos de dois toros de perfis mui salientes. Os fechos são mui pequenos e de variadas formas. Os gomos das abobadas são mais profundos do que os das capellas. Nas abobadas d'estas ultimas já apparece o artesão transversal, e cada artesão compõe-se de tres toros pouco salientes. Todos os florões são grandes, circulares e ornados de molduras concentricas compostas de festões de folhas bem lavrados na pedra. No centro ostenta-se uma linda flôr. Um dos florões tem ao centro quatro castellos e cinco escudos em alto relevo. São todos bellos e de esmerada execução. As pedras das abobadas são mais bem unidas, do que as do claustro. E' obra mais bem acabada e perfeita technicamente falando.

O claustro do Silencio em Alcobaça

Pelo que respeita ás janellas, tambem a construcção affonsina revela novo avanço na architectura ogival.

As dos claustros ainda estão ligadas á velha escola em que as paredes eram consideradas como apoio indespensavel das columnas e abobadas. Abrem-se na parede que enche o vão correspondente a cada abobada dos claustros.

Por cima das arcadas, e tambem abertas na pa-

rede, vêem-se um e dois oculos com molduras lavradas, mas sem ornato no seu vão. Ainda não apparecem as figuras radiantes e as rosaceas, caracteristicas da segunda maneira do gothico primario. As janellas das construcções affonsinas acompanham o movimento ascencional da columna, o qual fez desapparecer dos templos as paredes totalmente no encaixe das janellas, e quasi por completo as arcadas das naves.

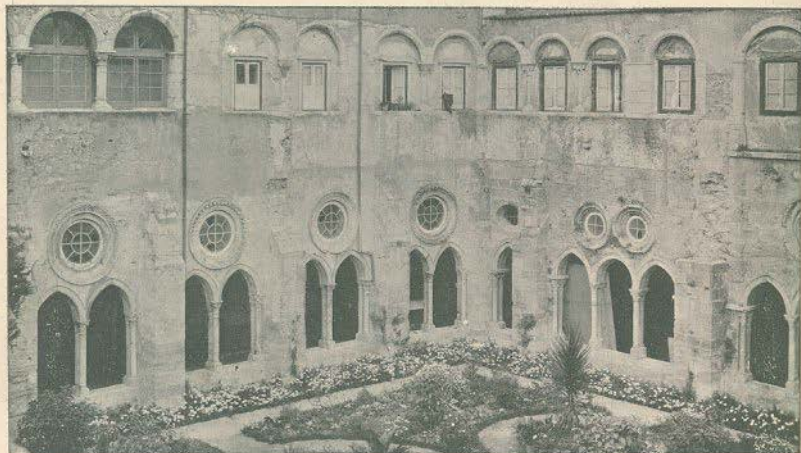
Janellas da capella de Bartholomeu Joannes (segunda maneira da ogiva primaria Aspecto exterior

O constructor comprehendeu que o verdadeiro apoio das abobadas estava na columna.

E na ultima maneira do gothico primario supprimiu todo o material superfluo, para altear a columna, aligeirar a construcção e dar mais luz aos templos.

O systema de janellas acompanhou essa revolução importante da ogiva. O tympano foi supprimido, e as janellas geminadas foram mettidas n'um arco grande. O vão entre essas janellas e a parte superior do grande arco ogival é preenchido, ou por rosaceas trilobadas e quadrolobadas, ou por um oculo, cujo vão é ornado com raios de roda de um carro partido de um aro central. Teem os nossos leitores um bello exemplar d'este systema de janellas na da capella do Bartholomeu Joanes, que foi construida na fachada norte, e que no interior fica do lado esquerdo de quem entra no templo. Ainda nas construcções affonsinas, além da rosacea e da figura radiante, apparecem as tres janellas, symbolisando a Trindade, e que são outro caracteristico da segunda maneira da ogiva primaria, ou do seculo XIII e principio do seculo XIV.

Fica, portanto, demonstrado que os claustros não são obra do reinado de Affonso IV, mas de uma epoca anterior.

Sustentam alguns escriptores que pertencem ao reinado de D. Diniz, fundados na semelhança d'elles com o claustro do Silencio de Alcobaça e o da sé do Porto. Não temos bem presente na memoria aquelle primeiro, que vimos já ha muitos annos. Conhecemol-o apenas pelas malditas gravuras, que nada dizem e muitas vezes nos enganam.

Claustro da sé de Lisboa aspecto exterior)

Por meio d'ellas, nem se póde ajuizar do systema das abobadas nem formar idéa dos artesões que as ligam.

O plano geral é o mesmo nos dois claustros, mas ha differenças importantes em muitas particularidades, principalmente nos capiteis. Os constructores de um e de outro não podiam ser os mesmos e da mesma epoca. Obedeceram a influencias diversas.

Nos vãos dos oculos do claustro do Silencio vêem-se já as figuras radiantes, ou uma flôr em fórma de estrella, que produz bello effeito na perspectiva geral do claustro. Nos capiteis predomina o ornato vegetal, ou folhas palmares. Não ha variedade, nem nas columnas, nem nos capiteis, e nem nos ornatos d'elles.

Se os claustros da sé de Lisboa pertencem á ogiva pura, quer no systema de abobadas e quer no arco, pelo que respeita ás columnas e capiteis resentem-se evidentemente da rica architectura romaica. Tudo n'elles tende para a variedade sob o ponto de vista da ornamentação.

Variam as columnas, os capiteis e seus ornatos, os florões, que tomam infinitas fórmas, e o numero de arcos e de oculos.

Ha arcarias com duas janellas e um só oculo em cima d'estas; outras com tres janellas enciminadas por dois oculos. Ahi vêem-se columnas redondas delgadas, altas e esbeltas, ao lado de columnas polygonaes, como as das duas ultimas capellas do claustro oriental. Os fustes dos capiteis são muito altos, para darem logar aos variados themas da sua ornamentação. Os abacos não são tão salientes, como os do claustro do Silencio. Denotam mais gosto e elegancia.

É assombrosa a riqueza do ornato vegetal. Ostentam-se folhas de todos os feitios, folhas naturaes e exoticas, folhas repolhudas, folhas palmares, folhas de parra e de era, etc., etc. Servem tambem de ornato flôres e fructos exoticos.

Não é menos variado o ornato animal, anjos, figuras e bustos humanos, alguns com uma estrella por cima da cabeça, cobras, aves, etc.

A ornamentação dos capiteis varia de columna para columna. Eis o que se não vê, nem no claustro do Silencio, nem no da sé do Porto.

Os pequenos florões affectam as fórmas de estrellas, de flôres, de escudos, de brazões d'armas, tendo um d'elles 14 castellos e 5 escudos; e da cruz dos Templarios, e não da da ordem de Christo, como alguns affirmam.

No segundo periodo da ogiva primaria, ou pura, predomina o ornato vegetal da flora indigena e folhas finamente recortadas.

Os artesões com dois touros são caracteristicos do seculo XII.

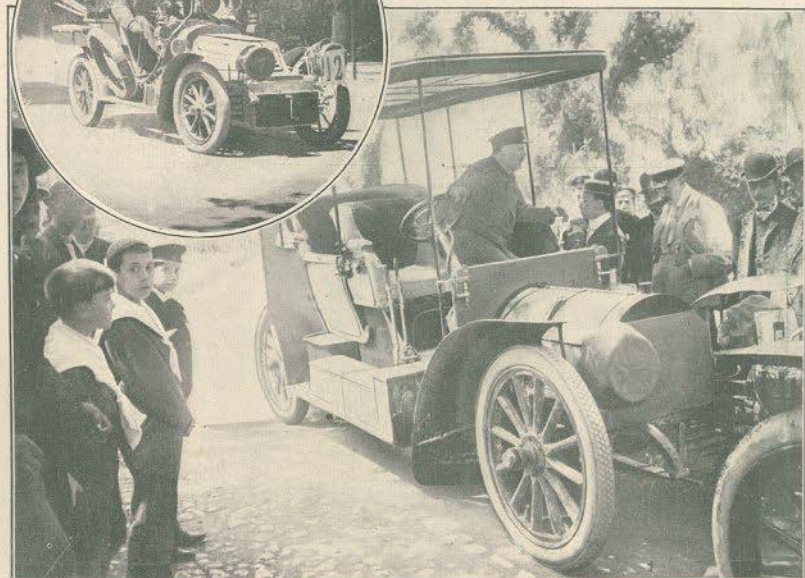
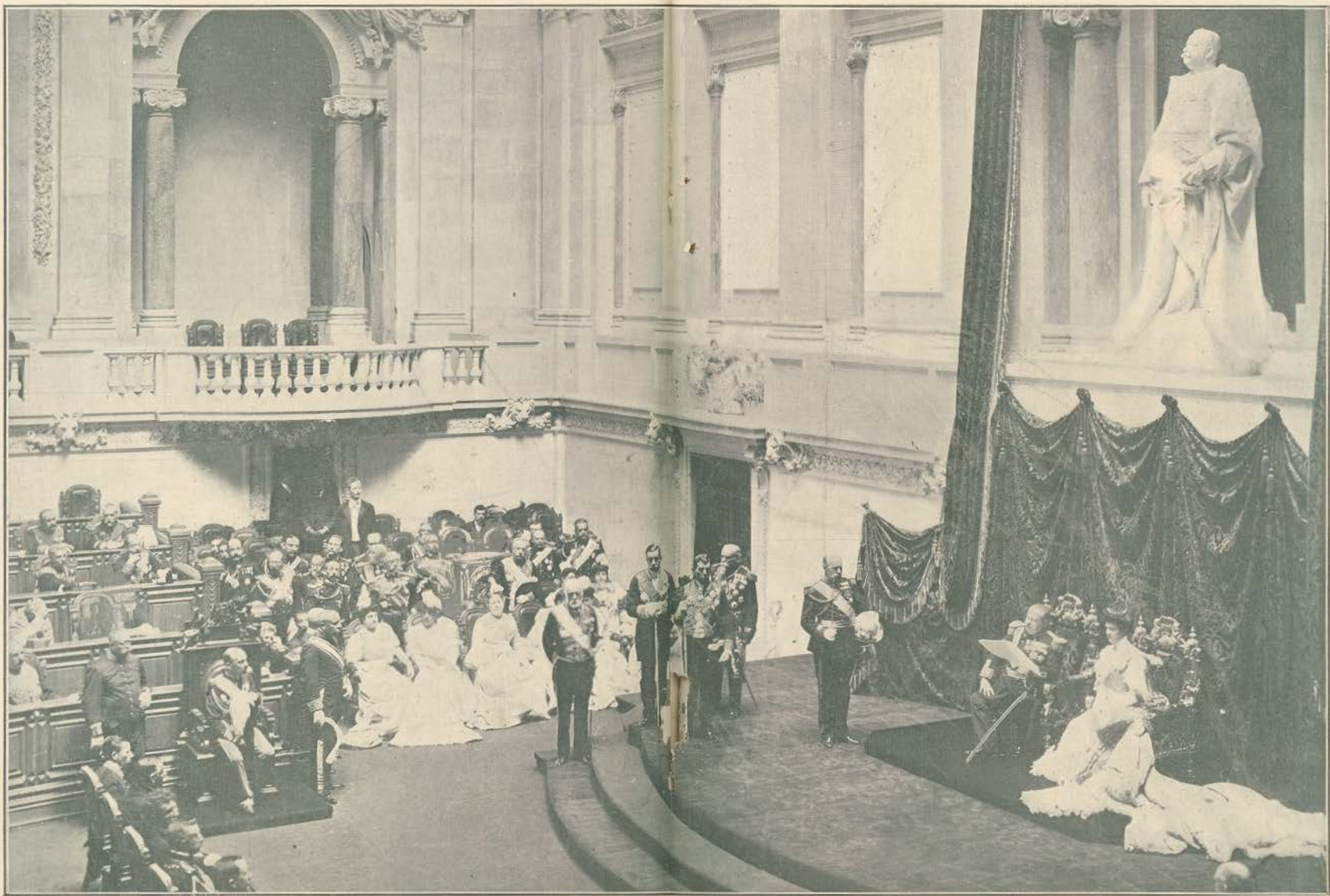
Em vista de todo o exposto, inclinamo-nos para a opinião de que os claustros da sé de Lisboa são anteriores ao reinado de D. Diniz, e na ornamentação ainda se resentem das influencias antigas do romaico, as quaes não é de suppôr ainda existissem n'aquelle reinado, que entrou no seculo XIV. Não sendo construcção, nem de Affonso IV, nem do pae, só póde ser de Affonso III, como provam as armas com os 14 castellos. Seria este monarcha o introductor em Portugal do gothico puro na sua primeira manifestação, ainda hesitante e pouco definida? Depois de D. Diniz e de Affonso IV ter-se-hia construido em Portugal no estylo da segunda maneira do gothico primario?

JOSÉ D'ARRIAGA.

Claustro da sé de Lisboa (aspecto interior)

COMO O SULTÃO DE MARROCOS RECEBE UMA EMBAIXADA

1—Partida do embaixador italiano Malmusi para Fez em 24 de maio (á frente do cortejo o consul de França e o encarregado de negocios de Portugal, sr. Martinho de Brederode). 2—Guarda de honra de soldados do sultão. 3—A caminho de Fez. 4—A escolta do sultão. 5—O corpo diplomatico acompanhando o embaixador de Italia.

O concurso de excursionismo Lisboa-Coimbra. A chegada ao Campo Grande em 28 de maio

O sr. Anton o Praia vencedor do concurso, com o sr. Augusto Bruges, junto do seu automovel Dion-Bouton—O sr. A, M. de Sousa, que chegou em segundo logar—O sr. Antonio Praia parando o seu automovel no Campo Grande—A chegada ao Campo Grande do senhor infante D. Affonso no seu automovel F at

SESSÃO SOLEMNE DA ABERTURA DAS CORTES NO DIA [illegible] DE JUNHO—EL-REI LENDO O DISCURSO DA COROA

A exposição de ceramica de Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro

Ha dynastias de artistas, como ha dynastias de principes.

Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro é um d'esses productos de raça em que o talento, com a fixidez inflexivel d'um titulo nobiliarchico, parece perpetuar-se n'uma familia, atravez gerações que a mesma scentelha anima e que a mesma arte apaixona.

Em seguida ao velho pae Bordallo, amigo de Herculano e dos primeiros homens do seu tempo, artista de habitos severos e patriarchaes, que nos deixou maravilhosos quadrinhos d'uma tão pura maneira flamenga, e paginas onde o erudito e o escriptor se affirmam irrecusavelmente, — depois d'essa reliquia a que a devoção d'uma familia presta um culto piedoso e que a eternidade novoenta de quarenta annos injustamente deixou esquecer, — surge a figura brilhante, impetuosa, combativa, audaz, originalissima, eminentemente pittoresca do mais fidalgo e assombroso artista que honrou entre nós a segunda metade do seculo XIX, — Raphael Bordallo Pinheiro. Dir-se-hia que todas as energias d'uma raça e d'uma familia se teriam esgotado na producção d'esse typo unico e primacial, solidamente perfeito e nobremente orgulhoso, cuja obra fragmentaria, brusca, irascivel, luminosa, cheia de eloquencia e de brilho, de rasgos e de bravuras havia de realisar, simultaneamente, a synthese admiravel d'uma época e a affirmação sumptuosa d'um genio. Tudo fazia suppôr que a herança capitalisada n'essa suprema figura, extenuando a raça que a produziu, terminasse na vulgaridade e na mediocridade, na esterilidade e na insignificancia. Mas não. A dynastia vigorosa dos Bordallos mantem-se n'uma brilhante e imperturbavel linha de varonia, e a Raphael Bordallo, ao nosso Daumier, ao grande caricaturista ainda hontem morto, já hoje succede, com uma bravura e uma fidalguia que affirmam a origem e a raça, o moço e distincto Manoel Gustavo, ao mesmo tempo um desenhador e um *sportman*, um caricaturista e um atirador de espada franceza, um decorador e um jogador de *tennis*, um ceramista e um *dandy*. A familia que na linha collateral déra já o talento fecundo e immenso de Columbano e a graça leve e feminina de D. Maria Augusta, — mantem a sua linha de varonia n'um luminoso morgadio de gloria, e revela-nos, na figura esbelta e viril de Manoel Gustavo, *alguem* em quem é preciso reparar e cuja marcha devemos seguir, de futuro, com attenção e com respeito.

Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro

Gabinete de trabalho de Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro

É bom ser-se filho d'um grande homem quando não se tem talento: mas, quando se tem, não ha nada mais funesto e mais esmagador do que a sombra espessa que lança inconscientemente sobre um filho a celebridade paterna. Manoel Gustavo foi, durante muitos annos, a despeito do seu talento evidente e promettedor, *apenas* o filho de Raphael Bordallo. Com metade do talento que elle revelava, com a decima parte do seu temperamento, seria quasi glorioso qualquer outro que não tivesse a desgraça de nascer á sombra de um grande nome. Pois Manoel Gustavo, apesar das contrariedades que a sua situação lhe creava, não succumbiu e luctou sempre. A sua *maneira* leve e elegante, o seu traço viril e nobremente expressivo, o seu talento complexo e original, começaram por fazer a admiração do proprio pae e acabaram por vencer e dominar toda a gente. — «*O meu pae é o meu maior admirador*» — dizia muitas vezes Manoel Gustavo, cuja ternura filial foi inegualavel, ao vêr a commoção com que Raphael Bordallo lhe seguia os progressos e os triumphos: mas n'essa phrase havia a ponta d'amargura, o encolher de hombros de desalento d'uma creatura que julgava não poder attingir, por mais que luctasse, a independencia d'um processo e a autonomia d'um nome. Então, vinham as regatas, o *tennis*, o *Sporting*, os assaltos de espada franceza, — para distrahir, para fatigar os nervos, para não pensar, para matar o tempo, — e Manoel Gustavo refugiava-se na sua admiração, na sua idolatria pelo pae, certo de que não valia a pena luctar, progredir, individualisar-se, de que chegava a ser um attentado pretender fazer caricatura ou tentar

S. Francisco (fradinho da mão furada) estatueta em barro

ceramica, n'uma terra em que o genio de Raphael Bordallo varria e illuminava tudo...

Um dia, porém, — dia de verdadeiro luto nacional — Raphael Bordallo morreu. As responsabilidades da vida e as necessidades de lucta obrigaram o filho do illustre artista ao trabalho intenso e fecundo de todos os dias, de quasi todas as horas, procurando, investigando, tentando, fazendo arte e industria, jornalismo e decoração. As suas energias ainda não experimentadas, o seu talento medroso e timido, começaram então a desdobrar-se, a expandir-se, a manifestar-se mais larga e mais exuberantemente. Para o proprio Manoel Gustavo foi uma revelação. Nas suas hesitações, nas suas duvidas, na sua timidez de verdadeiro artista, não se julgava capaz de tanto. Desenvolveu uma actividade de inglez, methodisou a sua vida, regulou e systematisou o seu trabalho, metteu-se nas Caldas, pacientemente entre um fôrno e um monte de argilla, e ao fim d'um anno eil-o de volta, cheio de fé, irradiando victoria, mudado, transfigurado, — expondo no seu *atelier*, com uma sumptuosidade de *grand seigneur*, uma nova fórma e modificada, mais moderna, mais solida, mais elegante e mais original da velha faiança portugueza.

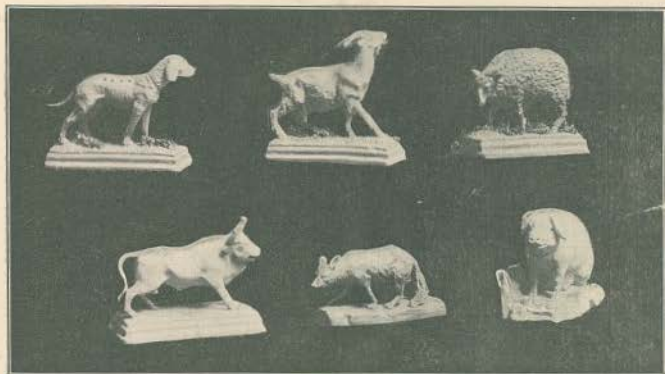
Foi um successo. Pela primeira vez em Lisboa deixou de ser o homem de *sport*, o atirador de sala d'armas, o remador das regatas de Cascaes, — para ser simplesmente, exclusivamente, o Artista. Tudo quanto ha de melhor na nossa sociedade, seguindo o exemplo de S. M. El-Rei, correu ao *atelier* da rua Antonio Maria Cardoso a admirar as novas fórmas e os novos vidrados dos vasos, jarras, gomis, *potiches*, e essas pequeninas

Pedro Alvares Cabral

Estatueta de 0,m 45 d'altura, encommendada pelo dr. João do Rego Barros, director da Companhia do Gaz do Rio de Janeiro, para ser collocada n'uma misula com baldaquino em estylo manuelino

Uma fadista — A Polka — Um fadista

(ESTATUETAS EM BARRO)

terras-cottas deliciosas onde a elegancia franceza de Manoel Gustavo se affirma de uma maneira nobre e irrecusavel. O caricaturista leve, intencional, galante, quasi sempre impessoal de algumas paginas magnificas da *Parodia*, revelára-se um ceramista perfeito e o digno continuador das tradições gloriosas de seu pae. Ao seu impulso, desappareceu a faiança quebradiça, os encanastrados frageis da antiga louça das Caldas, para surgir a faiança sobria e solida, ás vezes com o aspecto grave e resistente dos *potiches* japonezes, valorisada sempre mais pela linha elegante e original do vaso do que pela complicação dos motivos ornamentaes. D'esta modificação importante imprimida á antiga faiança vae, sem duvida, resultar o desenvolvimento industrial da velha fabrica dos Bordallos: e esse desenvolvimento é exclusivamente á iniciativa de Manoel Gustavo que o fica devendo a ceramica portugueza. A abertura da pequena exposição d'esse indolente que é hoje um exemplo de trabalho, d'esse *sportman* que trocou a sala d'armas pela fabrica e o *plastron* pela blusa, esperamos que ficará marcando a data inicial das celebridades de um rapaz, que tendo herdado um nome que vale o maior titulo nobiliarchico, — quer honrar esse nome pela imposição do proprio talento e do esforço proprio.

HABITAÇÕES ARTISTICAS

I

A casa do sr. Miguel Angelo Lambertini

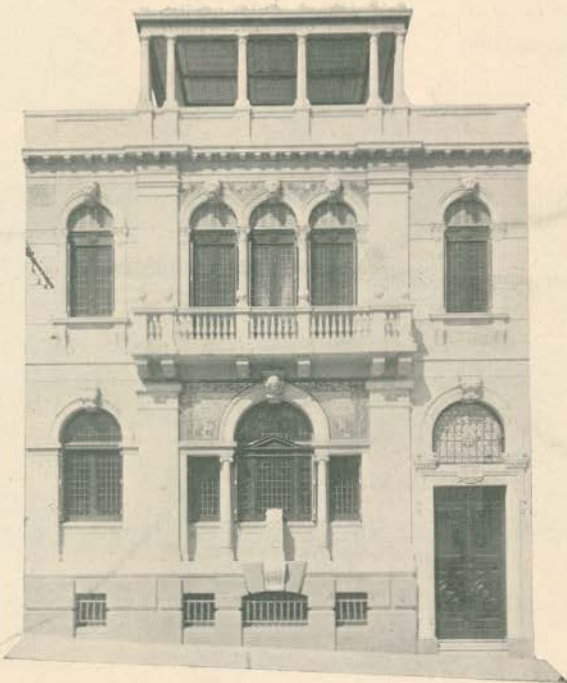
Destaca-se ella, até mesmo á vista menos perspicaz, pela sua elegante fachada, estylo de Renascença italiana, projecto e execução de Bigaglia. Dir-se-hia um aspecto de Veneza, reparando logo nos mosaicos vindos expressamente da rainha do Adriatico para aformosearem um frontespicio a que não faltam graça, proporção e harmonia.

Entremos para o vestibulo. Decoração singela, mas elegante, de Bigaglia. O portico de carvalho, com desenhos e mão d'obra d'aquelle architecto; os vitraes de Nevet; o *cachet* desenhado por Auriol e que se repete com o *home-mark* nos moveis do *hall*, nas portas da bibliotheca, e nos punhos de varias portas, produzem uma bella impressão, precisamente pela sua sobriedade.

O *hall* de carvalho e pitch-pine foi traçado e executado por Bigaglia, e pela sua superficie destacam vitraes de Nevet e candelabros feitos expressamente por Barbèdienne. Vêem-se ali: *L'Aurore*, bronze-torchère, de Bareau; um bello busto de *Apollo* (marmore de Carrara); medalhas de Chaplain, Roty, etc., bronzes japonezes, diversas porcelanas e faianças, um pastel de Domingo (retrato de Goya); uma agua-forte de Chahine (Les grandes Corrières); varios quadros a oleo; gravuras antigas, fac-similes de Detaille, copias de Corot, etc.

A casa de jantar, em estylo Renascença, obedece ao projecto de José Queiroz.

As *boiseries* e o mobiliario dão a nota da bella talha portugueza, em que José Maior sustenta o seu bom nome de entalhador, e dos melhores entre nós. Repare-se nos frisos do fogão (faiança das Caldas) ultimos trabalhos de Bordallo Pinheiro. Prendem-nos mais a attenção: uma bella estatua de marmore de Carrara — *L'étoile du berger*, de Fougère; um bronze de H. Fonques — *Five-ó-clock;* uma terrina antiga de Saxe; jarros e talhas da India e do Japão; faianças de Cifika, etc.

Não é menos interessante um gabinete, de estylo moderno, projecto e execução de Castanheiro. Ahi, a vista alegrar-se-ha com a expressão alacre de um bello busto de bronze, *Le Rieur*. Firma-o um dos mestres da moderna escola de esculptura franceza — Injalbert. Depara-se-nos tambem um magnifico vaso de estanho, de Larroux, sob a rubrica — *Les Blés*. E mais: uma esplendida cabeça de velho, de Teixeira Lopes, esse artista que o notavel pintor Sargeant classificou de *artista completo;* faianças de Cifika, do Golfo Juan, de Re-

A casa do sr. Miguel Angelo Lambertini na Avenida da Liberdade (architecto Bigaglia)

senburg, e de Anvers; um *gouache* de Boucher, intitulado *L'Aurore;* quadros de Columbano, Malhôa, Josepha Greno, Lorey, varias aguarellas de Hogan, de Hercules Lambertini, etc. No atelier contiguo, e onde trabalha a filha do sr. Lambertini, pintora-amadora e que herdou as excellentes disposições artisticas de seu pae, seguindo como elle o curso do Conservatorio, vemos um bello bronze de Levy, sob a rubrica — *L'esclave*. Simplicidade, gosto e harmonia — eis a caracteristica d'esse delicioso rincão.

Um dos trechos mais interessantes d'este *interior* artistico é sem duvida a sala de musica. Assim devia ser porque o sr. Miguel Angelo Lambertini, alma de artista com o espirito pratico do seu commercio de pianos e de litteratura musical, é um pianista-amador dos melhores de Lisboa. A Escola de Musica de Camara, da sua iniciativa, tem-no como um dos seus mais distinctos executantes. A sala a que nos referimos é em estylo Luiz XV e a sua decoração pictural obedeceu ao grande talento de Malhôa. A allegoria manifesta-se alli n'uma fórma harmonica, leve e graciosa. Mobiliario e *boiseries*, de José Maior; piano de Erard, branco e ouro, com pinturas de Malhôa; uma harpa de Consineau, seculo XVIII, tudo isto banhado pela luz coada magoadamente pelos vitraes de Nevet, permittem-nos vêr, no seu destaque de pla-

O sr. Miguel Angelo Lambertini

O *hall* da casa da Avenida

nos, acompanhando esse delicioso sonho d'arte, as telas muraes em que a allegoria se funde delicadamente com os themas reaes. Uma das telas representa a apotheose de Beethoven. O grande genio, ao piano, é circumdado por todas as figuras romanticas da inspiração. A tela fronteira symbolisa a musica e as brisas da noite. A pintura do tecto representa a execução de um quartetto. A cada canto destacam os retratos dos grandes mestres — Bach, Mozart, Schumann e Brahms. Em toda essa pintura affirmam-se de uma maneira pujante as grandes qualidades de Malhôa como pintor consciencioso e decorador de grande gosto.

que as rectas se conjugam com as curvas. A sobriedade nos pormenores da talha contribue para tornar esse recinto uma obra prima de simplicidade elegante. Preside ao recinto o grande Beethoven, n'um bronze assignado por Fix Masseau. A litteratura musical está ahi representada em muitas obras, algumas das quaes de grande valor bibliographico.

Da galeria que circumda o *hall* e onde se vêem quadros antigos de auctores estrangeiros e nossos — Sequeira, Carlos Reis, Columbano, Malhôa, Tomasini, Gyrão, Munró, etc., passa-se á saleta, sala de visitas e *toilette*, todos em estylo Luiz XV e

O sr. Lambertini na sua bibliotheca (projecto de Frederico da Silva, execução de Victor Knotz

Quiz o sr. Lambertini que o seu gabinete de trabalho cedesse á influencia do *Modern Style*, mas sob um criterio de sobriedade de que em geral os decoradores se distanceiam. O projecto e decoração são do decorador francez Henry de Waroquier; a execução do mobiliario e guarnições honram o artista portuguez Victor Knotz. Povoam esse recinto: a *Serenité*, copia de Donatello, em marmore de Carrara; um busto de Jesus, bronze de Larche; vasos de grés de Fondji e de faiança do Golfo Juan; um gomil e jarro etrusco; crystaes de Gallet; uma cabecinha de velha, de Teixeira Lopes; um carvão de Malhôa (a caricatura do sr. Lambertini); baixos relevos de Chapu (bronze); aguas-fortes de Rops, Chahine, etc.

É digna de nota, egualmente, a bibliotheca, projecto de Frederico da Silva, execução de Victor Knotz. Dão logo na vista a harmonia e doçura com

que occupam o 1.º andar da bella residencia da Avenida. A decoração é de José Queiroz.

Na sala central figura uma *boiserie* antiga, esplendida talha portugueza talvez do seculo XVIII. O seu complemento e mobiliario são obra do entalhador José Maior. Vitraes de Nevet roubam á luz de fóra toda a crueza. Povoando esses recintos vêem-se um magnifico toucador de Saxe, jardineiras, urnas, vasos de Sévres, da China, esmaltes da India, aguarellas de Hogan, etc.

Mencionaremos o gracioso oratorio, estylo Luiz XVI onde Machado de Castro se vê representado n'um grupo — Santa Anna, S. Joaquim e a Virgem, afóra miniaturas de Conceição e Silva, um esplendido crucifixo de marfim, etc.

Nos quartos de cama, de uma simplicidade racional, avulta uma commoda Luiz XVI, da epoca, com figuras e flôres embutidas; um portico gra-

Um ensaio de musica de camara no gabinete do sr. Lambertini. — Violinos, srs. Francisco Benetó e Antonio Lamas; violoncello, sr. D. Luiz da Cunha Menezes; ao piano o sr. Miguel Angelo Lambertini

cioso com altos relevos em terra cozida, de auctor portuguez antigo; uma Santa Cecilia (baixo relevo em bronze) de Leonard e um bronze — *La Gloire*, de Causse.

No pequeno jardim da casa Lambertini depara-se-nos uma fonte monumental, de Costa Motta; um vaso de bronze, *L'Epave*, de Villanés; paineis de ladrilhos decorativos (trabalho especial feito pela casa Gilardoni); e no terraço com que remata a construcção d'esta elegante residencia figura um grupo, em bronze, de Mangin — *Le puits qui parle*.

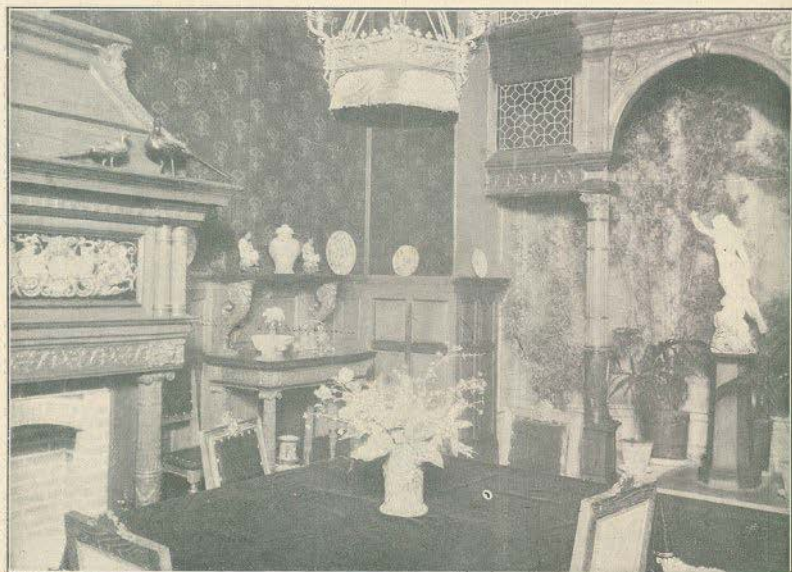
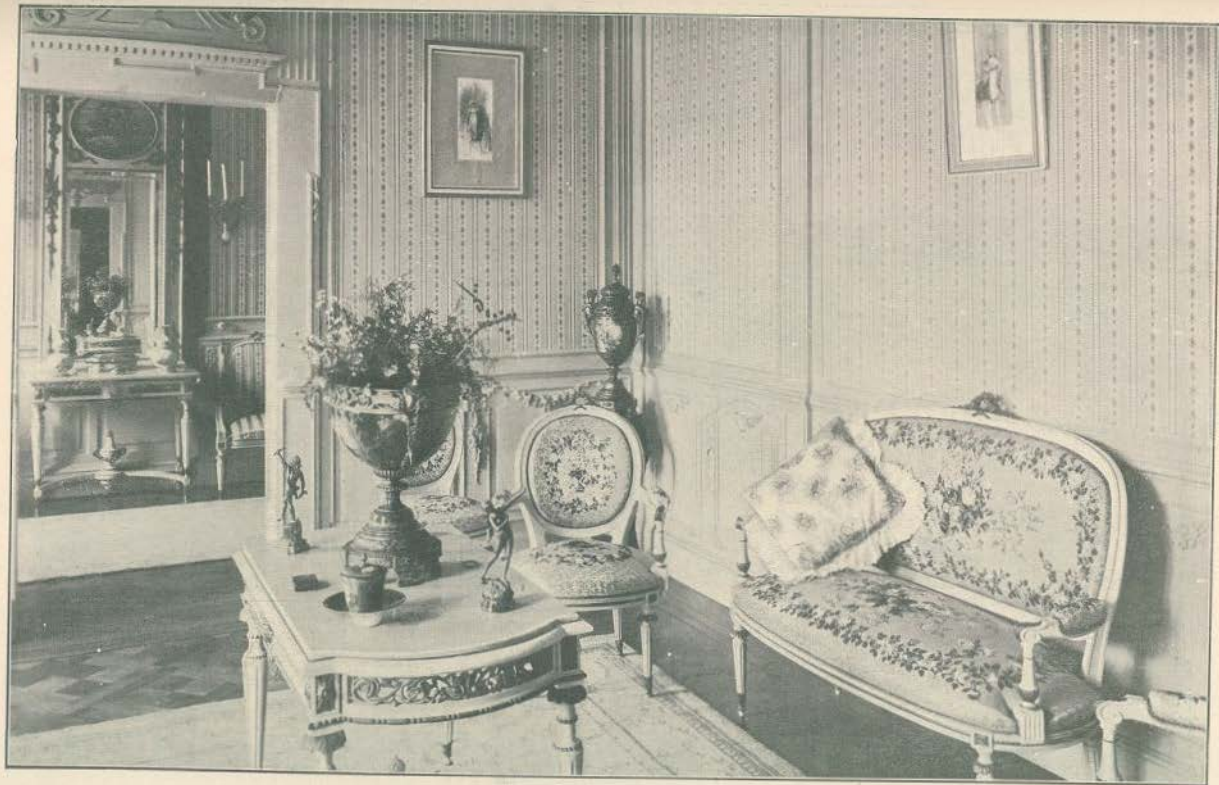
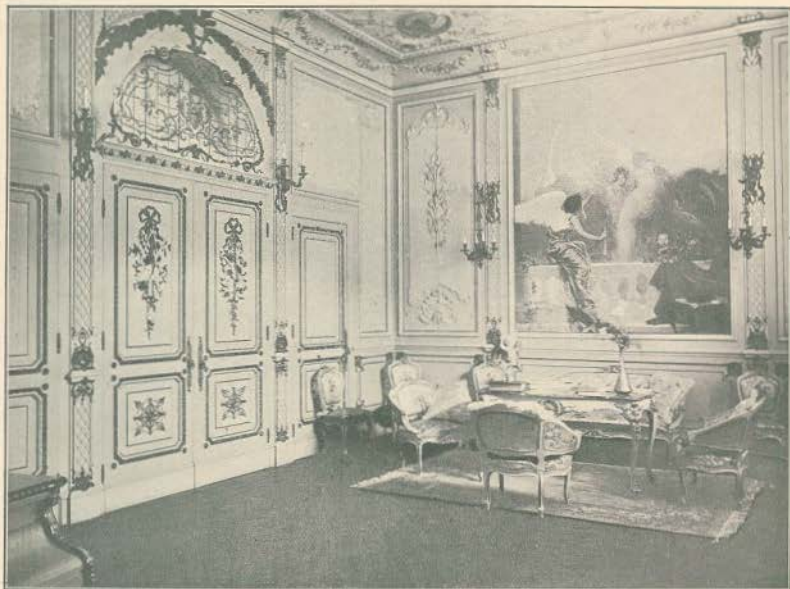
É sem duvida a casa Lambertini uma das mais caracteristicas de Lisboa, tanto pelo que respeita á sua forma architectonica, como pelo que respeita ao cuidado no seu recheamento artistico. E agora que se vão desenvolvendo, posto que lentamente, o bom gosto e o senso esthetico, é justo mencionar o facto de um commerciante — é verdade que dotado de uma excellente educação musical — enterrar boa parte dos seus capitaes n'um ninho de arte, quando, como quasi toda a gente endinheirada, poderia contentar-se com o 3 % dos bancos, companhias e papeis do governo, com o qual 3 %, o *commendador Pinho*, como diz o Eça na «Correspondencia de Fradique Mendes», faz multiplicar o dinheiro que o Estado lhe pede para com elle engordar os *Quinzinhos gordos* do alto funccionalismo publico.

Toucador de porcellana de Saxe, que pertenceu á casa de Lavradio

Muito de relance esboçámos um dos traços distinctivos da physiono-

mia, a todos os respeitos interessante, do sr. Miguel Angelo Lambertini — o de musico amador, mais do que amador até, porque o seu temperamento é o de um verdadeiro artista. Gira-lhe nas veias o sangue italiano dos homens da Renascença que sabiam ser commerciantes, grandes banqueiros e grandes financeiros, e ao mesmo tempo almas de artistas, consagrando ao Bello as principaes horas da sua existencia. Ao seu balcão, o sr. Lambertini trata com os seus freguezes como verdadeiro homem de negocio; mas se lhe pedirem a sua opinião na escolha das musicas e dos pianos, elle que é grande conhecedor da litteratura musical dos paizes mais cultos, mostrará logo ás primeiras palavras a sua competencia, o seu gosto, a sua magnifica educação musical. As suas mãos cahirão no piano com a graça, a consciencia de um mechanismo seguro e o fino gosto dos *virtuosi* que o podem transportar até ás alturas da *expressão*, verdadeiro segredo dos grandes temperamentos artisticos.

A filha do sr. Lambertini no seu «atelier» de pintura

De ha muito nutria o sr. Lambertini a idéa patriotica de reatar a tradição, interrompida entre nós, dos concertos de musica de camara. Era um salutar protesto contra a banalidade dominante ha bons quarenta annos, banalidade que se traduzia no predominio da escola italiana, quer nos

A sa'a de jantar, estylo Renascença, projecto do sr. José Queiroz

Sala de visitas

A sala de musica — «A Inspiração», pintura de Malhôa

institutos do Estado como no professorado particular.

Quando entre nós começaram de manifestar-se os primeiros ensaios de opera portugueza, estava na bérra a opera italiana. Das janellas para as ruas, os pianos só despejavam trechos da *Favorita*, da *Lucia*, da *Traviata*, do *Trovador* e *Força do Destino*. As meninas da Baixa sahiam do methodo de Hunten para a *Prière de une vierge*, como transição para os *pot-pourri* respigados nas producções verdianas. Essa influencia da banalidade italiana

Fonte de Costa Motta no jardim

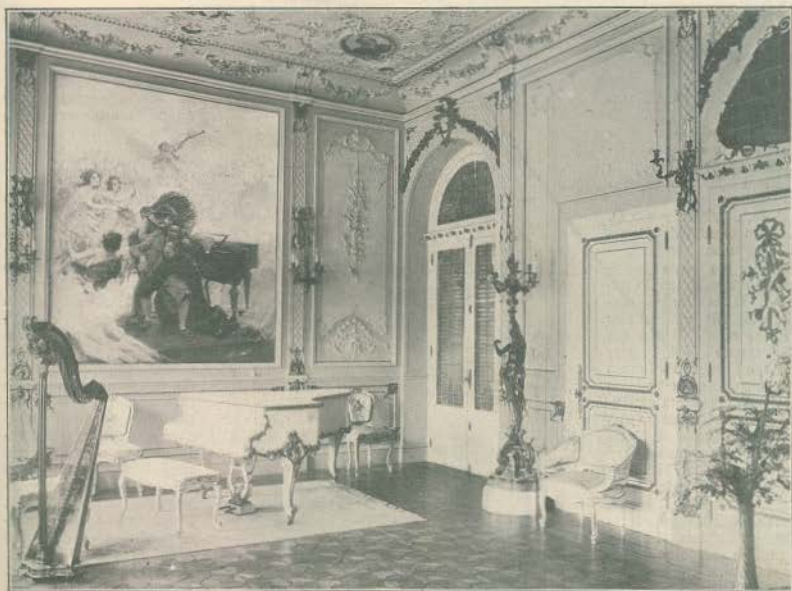
ainda hoje se faz sentir, no nosso meio musical, posto que em proporções menos assustadoras. Para isso, a propaganda de homens de cultura classica tem constituido um optimo travão, levando o gosto publico por novos trilhos e submettendo-o a uma orientação mais elevada e salutar.

Se tivessemos de apreciar os resultados d'essa propaganda pelo que se passa por exemplo no «Real Theatro de S. Carlos» ficariamos em duvida sobre se realmente caminhamos para um decisivo aperfeiçoamento do gosto publico em mate-

ria musical. Pois não se deu ainda ha poucos mezes o caso phantastico de irem uns poucos de assignantes do nosso primeiro theatro lyrico, em commissão, a solicitar do maestro Mancinelli que retirasse da scena *Os Mestres Cantores*, por serem uma grande massada para o publico?

Esta manifestação negativa e mesmo symptomatica de uma perversão do gosto, não prova, ainda assim, contra a educação esthetica das platéas lisboetas. Provaria — se a prova não estivesse feita de ha muito — que os verdadeiros amadores e entendedores da divina musica não constituem a maioria dos frequentadores de S. Carlos; provaria, sim, que uma grande parte da assistencia, n'esse theatro, assigna por luxo, por *snobismo* e porque entrou na moda o ter uma cadeira em S. Carlos, para conversar com os visinhos e para passar revista minuciosa ás *toilettes* das senhoras.

Na generalidade, o gosto publico vae soffrendo uma positiva renovação. Os concertos de musica de camara, o primeiro dos quaes se realisou em 30 de janeiro de 1899, realisando-se em 9 do corrente o 41.º, afóra os extraordinarios, representam um grande reagente na educação do

Um quarto de «toilette» na casa do sr. Lambertini

Sala de musica, «Apotheose a Beethoven», pintura de Malhôa

Gabinete de trabalho, «modern-style», projecto e decoração de Henry de Varoquier

gosto musical. O sr. Lambertini foi a alma d'essa reacção, abalançando-se a canalisar o gosto dos amadores da sublime arte musical para a musica de camara.

Elle, José Relvas e D. Luiz da Cunha de Menezes foram os grandes propulsores do novo movimento na esthetica do publico. D'esse impulso sahiu a *Escola de Musica de Camara*, fundada em 1901 e que até hoje, com mais ou menos figuras de amadores ou artistas profissionaes, tem executado em series, termo medio de oito concertos annuaes, as obras de Beethoven, Mozart, Haydn, Schubert, Mendelssohn, Cesar Franck, Godard, Grieg, Saint-Saens, Klughardt, Kuhlan, Sinding, e muitos outros auctores, verdadeiras individualidades capazes de actuarem na educação das massas.

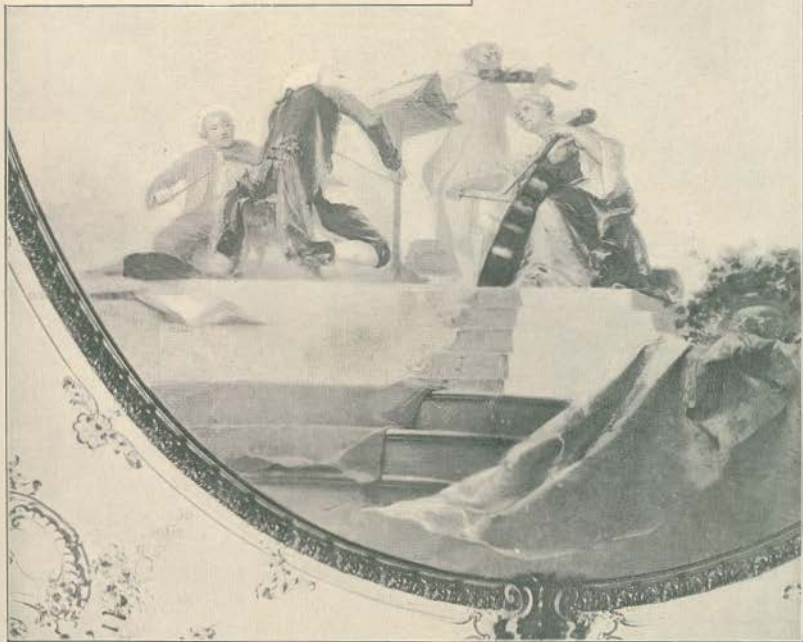
Nas audições musicaes da *Escola da Musica de Camara*, tão bem recebidas pela critica, o sr. Miguel Angelo Lambertini tem geralmente uma parte importante — o piano. Ás vezes esse instrumento, nas mãos do sr. Lambertini, parece dirigir a execução dos trechos musicaes, de interpretação quasi sempre difficil, tal é a justeza, quantidade de som adequado, vigor, brilho, nitidez e delicadeza com que o pianista concorre para a harmonia do conjuncto. Depois, o sr. Lambertini sabe communicar o seu fogo sagrado da arte, o seu enthusiasmo, a sua propria proficiencia aos seus collaboradores na obra de renovação do gosto publico. Por isso as sessões musicaes d'essa *Escola* vão n'um crescendo de interesse, de anno para anno, e não pouca influencia teem exercido no afinamento do gosto lisboeta.

Oratorio em estylo Luiz XV

A propria confecção dos programmas a que obedecem os concertos dados por artistas estrangeiros em Lisboa indica que, se a conversão do publico á obra superior dos grandes mestres ainda não é completa, não é menos certo que esse publico está sem duvida muito longe da superficialidade italiana que era a formula dominante nos ultimos trinta annos do seculo findo.

Um grande artista e um musico de primeira ordem contribuira, anteriormente á formação da *Escola de Musica de Camara*, para essa obra salutar de educação e aperfeiçoamento do gosto publico. Esse artista é Rey Collaço. A elle consagraremos um dos proximos artigos da *Illustração Portugueza*.

Ainda um traço complementar da personalidade artistica do sr. Lambertini. Fundou elle a *Arte Musical*, em 1899, onde tem escripto artigos muito interessantes sobre as questões da indole e esphera de uma tal publicação, e nos começos do corrente anno a *Caixa de Soccorros a Musicos Pobres*, uma instituição sympathica de justiça e benemerencia, n'uma terra onde muitos musicos agonisam n'uma positiva miseria.

NULLUS.

Tecto da sala de musica—Pintura de Malhôa

A MANIFESTAÇÃO REPUBLICANA DE 1 DE JUNHO, POR OCCASIÃO DA ABERTURA DAS CORTES

1 — Os manifestantes aguardando na rua de S. Bento, junto ao mercado, o regresso da commissão, que foi entregar ao presidente da camara dos Pares o protesto contra a nomeação do sr. Ernesto Schroeter para ministro da fazenda; 2—A commissão a caminho das côrtes; 3—A commissão no largo das Duas Egrejas; 4—O sr. dr. Affonso Costa saindo do Centro Eleitoral Republicano; 5—O sr. conselheiro Bernardino Machado, deputado republicano por Lisboa, saindo do Centro Eleitoral Republicano, a caminho das côrtes

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA Illustração Portugueza

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho [professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.].

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero será públicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta [com todas as indicações bem legiveis] mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.